

O HUMANISMO NO PENSAMENTO DE PICO DELLA MIRANDOLA

João Robson Cabral*

Resumo: O artigo visa celebrar a importante contribuição do pensamento de Pico della Mirandola (1463-1496), quanto à dignidade humana, a partir da obra: *Discurso sobre a dignidade do homem*. A filosofia de Pico se apresenta polifacetada devido a sua formação erudita a partir dos velhos manuscritos oriundos da filosofia árabe, egípcia e dos estudos da Cabala judaica, além da pesquisa filológica do grego e do hebraico. Sua obra é, na verdade, o resultado das *900 Conclusiones* escritas com o fim de provar ao mundo que entre as ciências, a filosofia, a teologia e as religiões, não havia discrepância, um antagonismo, mas uma compatibilidade de ideias. Para isso, fizemos uma pesquisa conceitual, crítico-reflexiva a partir da obra supracitada, que servirá de base fundamental e estrutural ao desenvolvimento desse pensamento. Além disso, a passagem pelos comentadores da filosofia de Pico será levada em consideração a fim de respaldar o postulado do autor num diálogo com o mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Pico. Homem. Dignidade. Filosofia.

HUMANISM IN THOUGHT'S PICO DELLA MIRANDOLA

Abstract: This article aims to celebrate the important contribution of the reflections of Pico della Mirandola, regarding the human dignity, in accordance with Pico's work: *Oration on Dignity of man*. Pico's philosophy is multifaceted, due to his erudite academic study and emerged from the old essay on historical, philosophical and theological context which arouse from the Arabian and Egyptian philosophy, as well as from the studies of the Jewish kabbalah, besides the Greek and Hebrew philosophical survey. Pico's work is really a result of the *900 Conclusiones* which were written to prove to the world that, among all the sciences, Philosophy, Theology and religions in general, there was no discrepancy or antagonism, but a compatibility of ideas. For the reason, we have made a critical-reflective and conceptual survey based on the above mentioned *Oration*, which will be useful as the fundamental and structural basis to the development of this current thinking. Moreover, the comments of expert commentators about Pico's philosophy will be taken into consideration in order to support the author's postulate, through a dialogue with the contemporary world.

Keywords: Pico. Man. Dignity. Philosophy.

* Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará-UFC; Especialista em Filosofia da Religião pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza – FCF; Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. E-mail: jrcabralacarau@aahoo.com.br

O pensamento de Pico della Mirandola (1463-1494) foi elaborado em plena efervescência do humanismo, mais precisamente na época do Renascimento italiano que, posteriormente, ganharia o mundo. A filosofia de Pico representou para seu tempo um trampolim na maneira de pensar entre a Idade Média e a Modernidade; ele é o filósofo que inaugura o pensamento Moderno. Embora este título seja dado a René Descartes, é a Pico que este título com justiça é devido, por esboçar já em sua época um aceno ao humanismo.

Giovanni Pico della Mirandola nasceu em Mirandola em 1463, ao norte da Itália. Filho de Francisco I, lord de Mirandola e Giulia, filha de Feltrino Boiardo, conde de Scondiano. Além de Pico seus pais tiveram mais dois filhos: Galeotto e Antônio. A formação humanista de Pico se deu nos grandes centros da região em que nasceu: Ferrara, Mântua, Pádua, Pávia, mais tarde se estendendo a Florença e Paris.

Aos 14 anos foi enviado para Bolonha a fim de estudar Direito Canônico, pois sua mãe pretendia fazê-lo um clérigo. Contudo, desejoso por um conhecimento mais aprofundado sobre a realidade humana, Pico estudou filosofia em Ferrara (Itália). Além disso, estudou por três anos aristotelismo na universidade de Pádua, período no qual teve contato direto com a língua hebraica e árabe, bem como obteve conhecimento sobre a Cabala.

Em 1485 foi para a universidade de Paris, onde estudou filosofia e o humanismo por um ano apenas. Acredita-se que, neste período, escreveu as *900 Teses* pelas quais ficou conhecido. Nelas, tentou conciliar religião e filosofia, catolicismo e cabala, assim como, aristotelismo e platonismo. A ideia de harmonia era muito comum no humanismo renascentista de seu tempo. Em 1486 escreveu o *Discurso da dignidade do homem*, texto que serviu de introdução às supracitadas *900 Teses*, 13 das quais foram refutadas pelo tribunal inquisitorial. Suas principais obras são: *Oratio (Discurso da dignidade do homem)*, *Heptaplus*, *De ente et uno* e *Discussões sobre a astrologia divinatória*, esta última publicada após sua morte na cidade de Florença, a 17 de novembro de 1496. Pico possuía uma das maiores bibliotecas de seu tempo. Seus trabalhos e sua biografia foram traduzidos para o inglês por Tomas Morus.

O Renascimento tinha como objetivo humanizar o teocentrismo rígido então vigente, ou seja, alargar o conhecimento para além da teologia, retomando a apreciação

e o estudo da natureza e do homem, tal como na Antiguidade greco-romana. O gosto pelas artes e pela filosofia, a música e os estudos de anatomia humana e outras expressões do intelecto não mais retratavam as imagens bíblicas, por exemplo, mas agora, com o retorno da perspectiva humanista, o homem, a natureza e a razão serão objetos de ocupação do ócio filosófico intelectual. Neste sentido, o homem não mais pensará limitado ao teocentrismo predominante, mas a este agregará valores e as ideias antropoteísticas¹⁹² paulatinamente predominarão no cenário intelectual, sobretudo entre os anos 1490-1560.

Apesar da imensa produção intelectual da Idade Média, ainda se pretende afirmar na atualidade a visão equivocada, transmitida pelos historiadores que consideram o medievo “uma noite de mil anos”; o humanismo e mesmo o renascimento representam uma reação aos padrões culturais engessados da Idade Média: os renascentistas transformaram o teocentrismo monopolizado em antropocentrismo, à fé aliaram a razão e ao espírito de associação defrontaram o individualismo, enquanto desenvolvimento das especialidades técnicas.

Se, na Idade Média, o homem era visto como ser decaído, sujo, pecador diante de Deus, Pico empreendeu um postulado que apresentou outra imagem mais elaborada da criatura divina; também propôs evidenciar seus valores até então escondidos ou negados. Por isso, afirmamos que Pico della Mirandola é o inaugurador da pré-modernidade antropocêntrica. O modo de pensar o homem, não mais como um ser decaído, produtor de vermes, piolhos, urina e fezes, como escrevera o Papa Inocêncio, se deve com justiça à contribuição de pensadores como: Francesco Petrarca, Nicolau de Cusa e Gionnozo Manetti. Destes a filosofia renascentista e, sobretudo o pensamento de Pico é legatário, por exemplo, do tratado, de 1452, *De Dignitate et Excellentia Hominis* (VALVERDE, 2009). A partir de então, outro mundo, outra forma de compreender o homem e seu papel na existência eram vislumbrados. Os artesãos, vistos até então como

¹⁹² Este termo remete ao homoteísmo de Ernest Haeckel. É o mesmo que antropomorfismo ou ainda um hominismo de Wilhelm Windelband como doutrina em que o homem é a medida de todas as coisas como postulou Protágoras na Antiguidade (480 a. C). Cf.: In. Dicionário de Filosofia Nicola Abbagnano. Tradução de Alfred Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 516-517.

classe rebaixada, meros artistas de rua, agora são contratados por mecenas e tratados com dignidade.

Neste período outros expoentes tais como Nicolau Copérnico, Galileu Galilei, Tomas Morus, Marsílio Ficino, Michelangelo, Lourenço de Médici, Leonardo da Vinci e o próprio Pico della Mirandola emergem no humanismo renascentista. Pico era um erudito e foi aluno de Marsílio Ficino . Tendo estudado desde cedo Direito Canônico em Milão, entre 1477-1478, com apenas 14 anos, depois almejando um saber mais arraigado sobre a realidade humana e as coisas do mundo, estudou também em Ferrara e, posteriormente, em Paris e Florença. Desta maneira foi, aos poucos, adquirindo vasto conhecimento filosófico desde Platão e Aristóteles a Averróis com a filosofia árabe, estudando também a Cabala¹⁹³ judaica.

A história, pelo menos do ponto de vista filosófico, é cíclica no sentido de que há sempre um retorno dos acontecimentos, embora com nova roupagem devido à evolução humana. Se, na Antiguidade greco-romana clássica, a discussão primordial centrou-se no homem e em sua autonomia, a filosofia de Pico é, pois, uma retomada da discussão acerca do lugar do homem; se, por exemplo, no mito “Protágoras” de Platão, tal ser não tem sede própria, mas apenas recebe o fogo fruto do roubo de Prometeu na oficina de Hefesto e Atena, (VALVERDE, 2009), em Pico o homem não será mais este indefeso e solitário, mas sim um mundo menor dentro da estrutura do mundo maior, o macrocosmo.

Agora, com Pico, imerso nos ditames do humanismo, ocorre este retorno pujante do pensar específico sobre o homem e a natureza; não mais o homem vinculado apenas ao teocentrismo dominante, mas o pensamento renascentista será também panteísta uma vez que a natureza, da mesma forma, será então aliada à pesquisa, sobretudo a mirandolana que será a mais abrangente numa perspectiva conciliadora com o teocentrismo. Vale notar que o humanismo renascentista não propõe uma ruptura total com o teocentrismo, antes sugere uma conciliação do conhecimento da Teologia vigente

¹⁹³ A Cabala era uma forma judaica de misticismo provavelmente neoplatônica em sua origem. A palavra significa “aquilo que é recebido ou tradição”, sendo que seus partidários acreditavam que a Cabala era uma tradição oral revelada por Moisés junto com a lei escrita no Monte Sinai. Parte da tradição é extremamente literária, concentrando-se nas palavras e nas letras da Torá, sendo que essa característica a tornava principalmente atrativa aos humanistas como Pico. Cf.: RABIN, Sheila J. Pico acerca da magia e da astrologia. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2011, p. 183.

com os estudos da natureza. O pensador renascentista quis alargar o conhecimento bíblico-teológico amparado por novas descobertas, o que é notado no *Heptaplus*, escrito por Pico após a *Oratio*, refletindo sobre o tema da *prisca sapientia*, postula uma nova interpretação do argumento bíblico da criação com elementos da Cabala e do hermetismo. “Em geral, o uso da Cabala se infiltrou amplamente na literatura do período renascentista” (RABIN, 2009, p. 207).

O objeto de verdadeiro fascínio de Pico é o homem tido como a criatura mais perfectível saída das mãos do Criador. Não existe na concepção do filósofo renascentista tecnologia mais sofisticada que a humana. Mais que os anjos, o homem é coroado de glória e esplendor, sua matéria, ou seja, sua feitura é na visão de Pico a mais excelsa dentre todas as coisas criadas, logo o homem foi concebido como a criatura mais complexa da natureza.

Li nos escritos árabes, venerandos Padres, que, interrogado Abdala Sarraceno sobre qual fosse a seus olhos o espetáculo mais maravilhoso neste cenário do mundo, tinha respondido que nada via de mais admirável do que o homem. [...] grande milagre, ó Asclépio, é o homem (PICO, 2011, p. 63).

De modo que no pensamento polifacetado de Pico, não existia na terra investigação mais interessante, capaz de inquietar o coração e a mente do que a criatura humana. Acredita-se que nosso filósofo começou a escrever sua obra mais conhecida em 1485 (*Conclusiones Nongentae*) quando estudou, por somente um ano, na universidade de Paris dedicando-se à filosofia e ao humanismo.

Assim, o pensamento de Pico visa enaltecer a condição humana sem se desprender do discurso teocêntrico. Sendo filho de seu tempo, nosso autor não poderia investir num pensamento alheio ao teocentrismo, mas sim num pensamento conciliador, isso porque a Igreja era detentora do saber intelectual naquele tempo. Logo, Pico tenta se adequar à realidade e, assim mesmo, foi punido por tentar provar que não existe incompatibilidade entre todas as ciências de seu tempo, mas sim completude, harmonia entre elas.

Em sua obra mais conhecida *Oratio – Discurso sobre a dignidade do homem* (1486), no preâmbulo, Pico postulou um verdadeiro manifesto acerca da obra-prima do Criador: o homem. O texto sendo o mais famoso de Pico é na verdade uma resposta à

impugnação de suas *Conclusiones Nongentae*, consideradas heréticas pelos examinadores romanos. A *Oratio* foi publicada dois anos após sua morte por seu sobrinho Giafrancesco della Mirandola. Assim, a relevância dos poucos escritos piquianos está exatamente no conteúdo rico, erudito e enciclopédico como era de praxe no movimento renascentista, e como o autor recupera de modo magistral o mote greco-romano clássico acerca do homem. Pico apesar da curta existência, pois faleceu com 31 anos, escreveu o suficiente para se perpetuar na história da filosofia e por isso deve ser um pensador mais estudado, sobretudo no que diz respeito à dignidade humana que é, sem dúvida, ainda na contemporaneidade, um tema pouco pesquisado. Por este motivo é que afirmamos que Pico é o inaugurador da pré-modernidade, pois se debruça sobre estudo da condição humana no mundo.

Reiteramos que o humanismo renascentista, assim como a filosofia de Pico, não pretendia se contrapor ao cristianismo, pelo contrário, fomentava-se o desejo de ampliar a doutrina cristã, melhorá-la, torna-la mais acessível, mais conhecida. Neste período convenceu-se a Igreja de que Hermes Trimegisto¹⁹⁴ teria sido mestre de Moisés e embora sendo uma informação apócrifa, tal elemento não deturpava a doutrina teológica, pelo contrário, a enriquecia. Contudo, a Igreja se torna contrária ao pensamento rebuscado, polifacetado e antecipado do Renascimento quando os reformadores o viram como processo de paganização a aceitação de tais adendos na fé católica. O ideal renascentista de ampliação da cultura cristã e da não contraposição, conforme geralmente é registrado pela história, agregaria elementos ao pensamento cristão.

A filosofia de Pico é indubitavelmente arrojada para o contexto medieval; talvez tenha sido precoce demais para a moralidade cristã de seu contexto, absorver o pensamento e absolver o pensador, ao situar o homem como o centro do universo enquanto microcosmo imerso no macrocosmo, o centro das discussões num período em

¹⁹⁴ Nome grego do deus egípcio Tote, a que a tradição grega atribui conhecimentos esotéricos sobre magia, alquimia e astrologia. Foi o primeiro a expressar por escrito os fundamentos da medicina astrológica. Os livros atribuídos a Hermes encontram-se reunidos no *Corpus Hermeticum*. Em 1445, este manuscrito começa a circular em Florença, tendo chegado ao conhecimento e ao estudo de Pico della Mirandola. Aí se assume que o Homem, como microcosmo, reproduz a estrutura do Universo – macrocosmos. Cf.: SIRGADO GANHÓ, Maria de Lurdes. PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. Discurso sobre a dignidade do homem. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2011, p.53.

que se proibiam os estudos anatômicos, por exemplo, sob pena de se profanar o corpo humano.

Conforme Pico, o homem é colocado no centro do mundo para que delibere e se torne o que discernir: homem ou besta.

Coloquei-te no meio do mundo para que daí possas olhar melhor tudo o que há no mundo. [...] Poderás degenerar até aos seres que são as bestas, poderás regenerar-te até às realidades superiores que são divinas, por decisão do teu ânimo (PICO, 2011, p. 57).

Logo, pelo conhecimento aliado ao livre-arbítrio, Deus dá ao homem a possibilidade de evoluir ou degenerar.

A máxima de Nicolau de Cusa (1402-1464) resume bem o legado filosófico do Renascimento com seu humanismo pujante e a contribuição de Pico ao afirmar: “Sê teu e eu serei Teu”. Noutras palavras, homem conhece-te a ti mesmo remetendo ao pensamento socrático. O pensamento cusano coloca tais palavras na boca de Deus, assim pelo conhecimento, pela filosofia, pela busca do saber, o homem que antes apenas era um ser inferiorizado, decaído, agora busca conhecimento dentro e fora de si para alcançar Deus. Portanto, o homem integrado, harmonizado conquista a sabedoria suprema e torna-se dono de si mesmo. Indubitavelmente um pensamento adiantado para aquele tempo, pois que, na Idade Média, ninguém era dono de si mesmo, mas Deus era o soberano de toda a existência. Porém a autonomia adquirida no movimento humanista não era polarizada, mas conciliada com a teologia cristã.

Vale notar que a obra *Oratio de hominis dignitate*, de Pico não é a inauguradora da questão da dignidade humana na filosofia, pois na Antiguidade e na Idade Média tal discussão já existia, contudo nosso autor parte de ideias já consolidadas acerca do tema e com este empreendimento costura o liame de discussão entre o pensamento medieval e a modernidade e desenvolve com manejo o enaltecimento do homem enquanto obra celeste e, por isso, admirado constantemente, enxergado como o grande milagre, como o espetáculo mais maravilhoso da existência.

A relevante contribuição da filosofia de Pico, no que se refere à dignidade humana, é exatamente essa: a passagem ou a vinculação de um pensamento genuinamente teocêntrico para uma abordagem antropocêntrica, que, no entanto, não abandona totalmente a teologia, mas vislumbra o enaltecimento da condição humana a

partir de Deus, isto é, agrega valores, de modo que Pico estabelece o elo entre o teocentrismo e o antropocentrismo com muita destreza, o que representava uma novidade descomunal para seu tempo.

A filosofia de Pico respingará mais tarde em toda a história da filosofia e repercutirá sobremaneira na modernidade, afinal Pico bebeu dentre as mais diversas fontes do saber aristotélico: “Todos os homens têm desejo de conhecer: uma prova disso é o prazer das sensações, pois, fora até da sua utilidade, elas nos agradam por si mesmas” [...] (ARISTÓTELES, 1979, p. 11). No século XVIII, Jean-Jacques Rousseau denunciaria algo semelhante: de todos os progressos feitos, o mais necessário e relevante é o do homem, contudo, havia pouca produção acerca disso. De modo que Pico, em seu tempo, imerso no pensamento filosófico-teológico faz uma abordagem digna de um renascentista nato, discorrendo acerca da nobreza do ser humano. Para ele, de todas as obras criadas por Deus, a mais relevante é o homem que não é nem celeste nem terreno, nem mortal nem imortal. Ele foi plasmado, formado, fabricado com material vasto e especial da natureza; o último a ser criado. Deus fez o mundo e desejou que houvesse um ser para contemplar e desfrutar de tal beleza.

Somente o homem foi feito com tanto zelo, dotado de razão, vontade e livre-arbítrio. Portanto, a dignidade humana passa pelo viés de Deus. Destarte, fica mais claro que o discurso antropológico desenvolvido por Pico não é um abandono de Deus, um ateísmo ou um secularismo, pelo contrário, seu humanismo parte exatamente do discurso teocêntrico a fim de desembocar na exaltação máxima da criatura de Deus – o ser humano. Como já mencionado, Pico não poderia pensar indiferente à maneira de filosofar de seu tempo, pois, sendo a Igreja detentora do conhecimento, havia um método eficaz postulando, dentre outras normas, que nenhum ser humano ousasse se arvorar em desenvolver um pensamento sem o apoio, sem o suporte da graça divina, afinal o homem havia sido feito semelhante ao seu Criador até o dia em que cometeu o pecado original; depois disso, para retomar a essência primordial, ele precisaria do aparato da graça divina, conforme o pensamento agostiniano.

Pico se utilizará deste método num primeiro momento; aqui reside sua inteligência em vincular filosofia e teologia a fim de discorrer sobre a dignidade do homem. Assim sendo, o homem de Deus recebe os pressupostos da sua dignidade,

contudo compete a ele (homem) o desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades. Enquanto o todo criado, como as bestas, os vegetais, os minerais etc, são predeterminados por Deus, isto é, nascem, crescem e morrem sendo programados para tal fim, ao homem, obra magna do Criador, foi dada a oportunidade de emancipação que em seguida será desdobrada, desenvolvida pelo próprio homem graças a sua inteligência e livre-arbítrio.

Com a razão, a vontade e o livre-arbítrio, o homem poderá ser o que desejar. É dada a ele a possibilidade de cuidar de sua existência, sendo responsável a partir de então por seu próprio destino a partir daqueles pressupostos. Aí está a primazia do homem em relação ao todo criado. Desta feita, Pico enaltece com pujança o ser humano, colocando-o num patamar elevadíssimo, acima, pois, de toda natureza.

O homem perspectivado por Pico é plasmado, isto é, feito por material raríssimo. Tal como um anjo, criatura intermediária entre a terra e o céu, agora o homem fará esta ponte entre o material e o divino, sua alma permite o diálogo sublime entre o que é terreno e o que é celeste; entre o físico e o metafísico, logo, Deus confere ao homem seu protagonismo; ele deixa de ser limitado aos desígnios unicamente divinos e assume sua autonomia, ou seja, a regeneração ou degeneração está em suas mãos, na responsabilidade humana. Compete ao homem, com exclusividade, em relação às bestas e aos anjos, aderir ou não à perfeição. As bestas e os anjos são feitos de modo programado, determinado ao passo que o homem é indefinido no sentido de que ele está constantemente num processo de feitura, de acabamento, de aperfeiçoamento, não mais na dependência do Criador, mas como artífice de si próprio.

O enaltecimento que Pico dá ao homem supera até mesmo o destaque humanista que aparece no Salmo 8 das Sagradas Escrituras. Para ele, o homem poderá emancipar-se até a caligem ¹⁹⁵ divina sendo, deste modo, superior aos anjos. “[...] o que é o homem para que dele te lembres, o filho de Adão para que dele te ocupes? Tu o fizeste pouco menos que um deus, de glória e de honra o coroou, [...] quão ilustre é teu nome em toda a terra!” (Sl 8)

¹⁹⁵ O termo caligem remete a uma mística noturna que pretende referir o encontro solitário e pessoal da criatura com o criador, do filho, homem, com o Pai, Deus. Corresponde à problemática do Deus Escondido tematizado por Nicolau de Cusa. Cf.: SIRGADO Ganho, Maria de Lurdes. Pico dela Mirandola. Discurso sobre a dignidade do homem. Lisboa-Portugal: Edições 70, LDA, 2011, p. 59.

Enquanto o salmista aproxima o homem de Deus, Pico dá um passo a mais e o trata como divindade. O homem é brindado filosoficamente pela capacidade intelectual, por ser das criaturas de Deus a única dotada de razão, logo, tem a sua supremacia:

Se você se depara com um filósofo examinando todas as coisas à luz da razão [...] ele é um animal celeste e não terrestre. Se você se depara com um contemplador puro, ignorante do corpo, banido aos lugares mais recônditos da mente, ele não é um animal terrestre, não é celestial; ele mais admiravelmente, é uma divindade revestida de carne humana (Pico, 2011, p.61).

Uma característica da era renascentista é o resgate do homem situado como o centro das grandes discussões, ou seja, a exaltação do homem e da razão num contexto marcado por uma visão de mundo em que o homem era muito mais o viés do pecado e menos o viés das virtudes. A literatura, as pinturas, a partir do movimento renascentista, propondo um retorno de valorização do homem tal como na Antiguidade greco-romana, influenciaram fortemente o modo de pensar da Modernidade. A partir de então, as pinturas e esculturas de retratação das passagens bíblicas dão lugar às formas do corpo humano, por exemplo. E com Pico este novo paradigma se acentua de modo pujante.

Pico Della Mirandola antecipou este modo de ver o mundo e influenciou solidamente com sua filosofia a pré-modernidade. Sua ousadia e precocidade estabeleceu o elo entre o pensamento medieval e o moderno ao conceber o homem como microcosmo imerso no macrocosmo, inaugurando, portanto, uma nova forma de pensar e lidar com o mundo. Para Pascal (1623-1662), o homem é:

Nada em relação ao infinito: tudo em relação ao nada; um ponto intermediário entre tudo e nada. Infinitamente incapaz de compreender os extremos, tanto o fim das coisas como o seu princípio permanecem ocultos num segredo impenetrável, e é-lhe igualmente impossível ver o nada de onde saiu e o infinito que o envolve (Apud ZILLES, 1990, p. 37).

Antes de Pascal, Pico já havia elaborado outra concepção de homem para além da pascalina; um pensamento bastante arrojado para a era medieval, três vezes superior ao pensamento de Pascal que ainda era preso às aparentes limitações humanas extasiadas frente ao saber supremo do Criador. Pico vai mais adiante sem negar a gênese divina, mas, reiteramos, agregando outros valores, conhecimentos ao pensamento, outrora, apenas teocêntrico. Com destreza, Pico estabelece uma releitura

do mundo, das coisas, da metafísica, colocando o homem como o ponto de partida das discussões e não mais como mero expectador da criação de maneira passiva, debaixo dos desígnios de Deus, como era próprio pensar em na Idade Média. Com Pico o homem é participante, coparticipante da Criação.

O conde de Mirandola não se limita a perscrutar sobre a existência de Deus, pois tal discussão em seu tempo não tinha sentido, pelo contrário, ele com seu pensamento enciclopédico filosofa a partir de Deus para evidenciar o homem. O pensamento do nosso filósofo converge para o homem, sem, é claro, deixar de passar por Deus, porém, acentua sua filosofia no homem. Não havia outro caminho, outro recurso, sobretudo por causa da formação religiosa e católica que Pico recebeu desde a mais tenra idade. Contudo, Pico não se prende ao pensamento teocêntrico, o vê somente como nascedouro da dignidade humana que se apoia também noutras fontes do saber.

O pensamento de Pico, ao lidar com a dignidade humana passa, sem dúvida alguma, pelo viés da liberdade. Na sua *Oratio* fica evidente que Deus fez o homem para ser livre. A liberdade humana é, pois, um direito divino. Antes que a lei jurídica faça valer a liberdade, ela já é inerente à condição de criatura humana. O homem poderá ser o que desejar, conforme já sinalizamos. Dentre todas as criaturas, a única que desfruta da onipotência de Deus é o homem ao receber material de toda natureza no momento em que foi plasmado, por isso é indefinido. Torna-se, não programado, mas determinado a ser o que desejar ser e, gradualmente, vai desenvolvendo-se e desvinculando-se do Sumo Artífice para elevar-se acima das demais criaturas.

Tal como uma criança, que aprende a dar os primeiros passos, o homem na perspectiva piquiana, ao aprender a andar com as próprias pernas, já não limitar-se-á à tutela de Deus, pois graças à razão Deste recebida, ao livre-arbítrio concedido, passará a ser juiz de si mesmo. Pico, portanto, elabora com sua filosofia um discurso bastante otimista em relação ao prisma do medievo. Enquanto o homem era visto apenas como espaço do pecado, do erro, da precariedade, dos vícios, extremamente necessitado da graça divina para sobreviver, Pico, sem banir a graça, postula que a esta está aliada a razão, isto é, o homem tem sua evolução ao receber de Deus a capacidade intelectual.

Logo, com muito manejo, ele reúne o humano ao divino para evidenciar a dignidade humana, ou seja, na concepção de Pico, a paternidade em potência (Deus)

reconhece Adão (o homem) como a mais nobre das criações. Deus o plasmou com zelo pericial. Deus também lhe deu a possibilidade de evoluir.

Contudo, há no homem moderno e contemporâneo mais sinais da involução, degeneração do que regeneração; há mais barbárie do que virtude; há mais existência do que pensamento, isto é, há mais violência e menos diálogo, mais desserviço e menos serviço ao outro etc. Pico embora tenha escrito no medievo traz à tona uma discussão bastante atual abrindo possibilidades de diálogo com diferentes matizes.

Seu pensamento, quanto ao livre arbítrio, toca a filosofia kantiana no que se refere ao *Sapere aude* ao mesmo tempo em que retoma o “conhece-te a ti mesmo” do oráculo de Delfos, atribuído a Sócrates. No primeiro caso, o uso do livre arbítrio se refere à decisão de aprender, estudar, conhecer para evoluir ao ponto de se aproximar de Deus. Kant postulou em seu tempo que o único caminho para a emancipação do homem é a busca pelo conhecimento, algo que Pico já havia postulado com seu pensamento polifacetado.

Que a nossa alma seja invadida por uma sagrada ambição de não nos contentarmos com as coisas medíocres, mas de anelarmos às mais altas, de nos esforçarmos por atingi-las, com todas as nossas energias, desde o momento em que, querendo-o, isso é possível (PICO, 2011, p. 61).

O “conhece-te a ti mesmo” é, pois, a tarefa mais cara do homem, pois conforme Rousseau, o que menos o homem tem estudado e avançado, em conhecimento, diz respeito a ele mesmo, ou seja, há pouco investimento humano. “Conhecer-te a ti mesmo” é de igual modo o “constrói a ti mesmo”, “evolui-te a ti mesmo”, “domina-te a ti mesmo”.

Ora, o discurso sobre a dignidade do homem, passou à posteridade como uma espécie de manifesto renascentista do homem descrito como o centro do mundo. Isso já responde à indagação que poderia surgir: por que esta obra merece ser lida nos dias atuais? Exatamente porque a dignidade humana é hoje até mesmo um princípio jurídico, protegida como norma fundamental nas Constituições das nações civilizadas. Mas, elas não dizem o que é a dignidade, apenas a promulgam e garantem-na como princípio fundamental. Assim sendo, a resposta sobre o que é a dignidade não está na esfera jurídica, mas na filosofia e, em particular, com Pico Della Mirandola.

Assim sendo, Pico vai reunindo um cabedal de informações na esteira da história da filosofia tanto platônica como aristotélica, cabalística etc, durante a elaboração de sua *Oratio*. Ele vislumbra que a dignidade do homem reside na liberdade oriunda de Deus. Ao homem são dadas as possibilidades diversas para sua própria realização. Também não significa dizer que o homem esteja livre de Deus, menos ainda que Deus não exista ou que seja indiferente a sua criatura máxima. O homem sempre será a obra prima de Deus, e é por Seu desejo que ocupa lugar no centro do cosmos. Portanto, o homem não está abandonado à própria sorte, mas, pelo contrário, é a criatura, por excelência, emancipada por Deus.

Conclusão

A pesquisa em Pico nos permitiu compreender o modo com o qual o homem no medievo construiu as bases do pensamento moderno. Conforme afirmamos, embora Descartes seja considerado aquele que inaugurou, notadamente, tal reconhecimento se dá a partir da filosofia mirandolana, pelo menos na perspectiva humanística, considerando o homem como razão, vontade e livre-arbítrio.

O pensamento medieval de modo algum pode ser rotulado como “uma noite de mil anos”, muito pelo contrário, há neste período uma rica produção do saber em seus diversos aspectos. Com Pico, a filosofia medieval foi deslocada de um modo de pensar limitado ao teocentrismo para um homoteísmo¹⁹⁶, ou seja, tal como em Protágoras, o homem passou a ser a medida de todas as coisas, em Pico, ele foi colocado no centro das discussões e no centro do mundo, no macrocosmo. Não mais o homem apenas como receptor dos desígnios de Deus, mas é o homem que assume seu protagonismo em deliberar a partir de Deus para tornar-se livre.

Pensar o homem na Idade Média não constituía a filosofia comum, mas o tema fundamental consistia no pensar Deus conforme as reflexões de Duns Escoto, Tomás de Aquino, Anselmo de Cantuária etc. Deste modo, nosso autor resgatou a discussão

¹⁹⁶ O mesmo que antropomorfismo. Termo criado por Ernest Haeckel. Remete também a hominismo, de Wilhelm Windelband. Doutrina em que o homem é a medida de todas as coisas designando relativismo. Cf.: In. Dicionário de filosofia Nicola Abbagnano. Tradução de Alfred Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 516-517.

acerca da dignidade humana sem romper totalmente com o método teocêntrico de seu tempo.

O homem piquiano recebe do Sumo Artífice as habilidades necessárias para sua regeneração. A liberdade, cujo nascedouro é Deus, é colocada por Ele, nas mãos do homem, mas a despeito das bestas, o homem não é programado a ser o que é, mas poderá tornar-se o que desejar. Portanto, Pico faz do homem o dono de si mesmo, num tempo em que era Deus o proprietário de todas as coisas e a Igreja a detentora do modo de pensar.

Além de tornar o homem dono de si, o conde de Mirandola traz à tona um tema esquecido na modernidade e que, de igual modo, foi abandonado na contemporaneidade. Kant na modernidade se dedicou a liberdade enquanto busca do conhecimento. Hegel retoma o tema da busca pela verdade. Contudo, Pico antecipadamente vai mais além estabelecendo uma filosofia de valorização do homem, compreendendo-o como o grande milagre, a obra por excelência do Criador que supera toda a natureza. Assim, pelo conhecimento o homem mirandolano redescobre a sua dignidade.

Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfred Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Vizenzo Cocco. São Paulo: Abril cultural, 1979.

LACERDA, Bruno Amaro. **A dignidade humana em Giovanni Pico dela Mirandola**. Revista Legis Augusta. (revista jurídica), vol. 3, n. 1, p. 16-23, setembro de 2010.

M. V, Dougherty. **Pico dela Mirandola: novos ensaios**. São Paulo: Madras, 2011.

SCHÖKEL, José Alonso. **Bíblia do Peregrino**. Tradução de Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2002.

SIRGADO GANHO, Maria de Lurdes. PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. **Discurso sobre a dignidade do homem**. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2011.

VALVERDE, Antônio José Romera. **Aportes a Oratio de hominis dignitate de Pico della Mirandola**. Rev. Filo., Aurora, Curitiba, vol. 21, n. 29 p. 457-480, jul./dez. 2009.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da religião**. São Paulo: Paulus, 1991.